

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CHANTÉLE FIUZA GASPAR

**O PAPEL DO DIÁLOGO E DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A PARTIR DOS  
ESTUDOS DE FREIRE E WALLON**

Tramandaí

2023

CHANTÉLE FIUZA GASPAR

**O PAPEL DO DIÁLOGO E DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A PARTIR DOS  
ESTUDOS DE FREIRE E WALLON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno

Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Yara Paulina Cerpa Aranda

Tramandaí

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Gaspar, Chantéle Fiuza

O PAPEL DO DIÁLOGO E DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A  
PARTIR DOS ESTUDOS DE FREIRE E WALLON / Chantéle Fiuza  
Gaspar. -- 2023.

45 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Ma.Yara Paulina Aranda.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Cerpa Rio Grande do Sul,  
Campus Litoral Norte, Licenciatura em Ciências  
Sociais, Tramandaí, BR-RS, 2023.

1. Diálogo. 2. Afetividade. 3. Processo de  
ensino-aprendizagem. I. Dal Forno, Marlise Amália  
Reinehr, orient. II. Aranda, Yara Paulina Cerpa,  
coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CHANTÉLE FIUZA GASPAR

# **O PAPEL DO DIÁLOGO E DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO A PARTIR DOS ESTUDOS DE FREIRE E WALLON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno

Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Yara Paulina Cerpa Aranda

Data de aprovação: (25 de janeiro de 2023)

Banca examinadora

---

Prof<sup>a</sup> D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> D.ra Andressa Mutz  
Banca

---

Prof<sup>a</sup> D.ra Gabriela Blanco  
Banca

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a minha filha, Maria Luiza, minha maior fonte de inspiração, minha força para lutar a cada dia, buscando sempre evoluir como pessoa e profissional. Também agradeço a minha mãe Iracema pelo exemplo de coragem, trabalho e determinação.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer neste momento especial a toda minha família que me apoio e me deu forças para continuar apesar das adversidades. Em especial a minha pequena filha, meu maior tesouro, que desde sua chegada me mostrou o quanto lutar pela vida vale a pena, e minha mãe, mulher batalhadora, que sempre me ensinou que o caminho do trabalho e do conhecimento é e sempre será o melhor na busca de nosso crescimento como ser humano.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo” (Paulo Freire).

## RESUMO

O presente trabalho buscou informações sobre qual é o papel do diálogo a partir das teorias dos filósofos Paulo Freire, que destacava a importância de pensar em uma educação capaz de reconhecer a cultura do educando e agir com base nela, e de Henri Wallon, que acreditava que a afetividade tinha um papel importante para o desenvolvimento integral da criança. Sendo assim, buscou-se compreender: como a estimulação através do diálogo e da afetividade dentro da sala de aula pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem? objetivando a formação de um cidadão atuante na sociedade, está que é uma das prerrogativas do ensino da sociologia. Para isso, foi utilizada a pesquisa qualitativa, através de pesquisa empírica como observações e pesquisas bibliográficas. Desta maneira procurou-se entender como o diálogo auxilia no processo de ensino aprendizagem dos educandos, a partir do compartilhamento de conhecimentos entre todos os setores participantes da comunidade escolar (sociedade, família, escola), bem como de seus laços afetivos, que colaboram para que o aluno se reconheça como parte integrante e imprescindível de seu conhecimento, mas principalmente que ele compreenda que também faz parte da sociedade e da democracia. A partir dessa análise foi possível compreender que para que o aluno se desenvolva de forma completa é fundamental a junção entre o diálogo e o afeto, pois ambos colaboram para a construção de um indivíduo social e racional, pois somente a partir da troca de informações, vivências e experiências entre todos os envolvidos no processo educativo é que o aluno cria laços de afeto, proporcionando a estes a segurança necessária para que possam se expressar, sem medo ou vergonha, tornando-se assim, um ser social, crítico e consciente do seu papel, bem como do papel do outro na sociedade.

**Palavras-chave:** Diálogo, Afetividade, Processo de ensino-aprendizagem.



## ABSTRACT

The present study seeks information about what is the role of dialogue based on the theories of the philosophers Paulo Freire, who stressed the importance of thinking about an education capable of recognizing the culture of the learner and acting based on it, and Henri Wallon, who believed that affectivity had an important role in the integral development of the child. Therefore, sought to understand: how can stimulation through dialogue and affectivity in the classroom contribute to the teaching-learning process? Aiming at the formation of an active citizen in society, this is one of the prerogatives of teaching sociology. For this, qualitative research was used, through empirical research such as observations and bibliographic research. In this way, sought to understand how dialogue helps in the teaching-learning process of the students, from the sharing of knowledge among all the participating sectors of the school community (society, family, school), as well as their affective bonds, which collaborate so that the student recognizes himself as an integral and indispensable part of his knowledge, but mainly that he understands that he is also part of society and democracy. From this analysis it was possible to understand that for the student to develop in a complete way, it is essential the junction between dialogue and affection, providing to the construction of a social and rational individual, because it is only through the exchange of information, experiences and experiences among all those involved in the educational process that the student creates bonds of affection, providing them with the necessary security so that they can express themselves without fear or shame, thus becoming a social being, critical and aware of their role, and the role of others in society.

**Keywords:** Dialogue, Affectivity, Teaching-Learning Process.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. O DIÁLOGO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....</b>	<b>16</b>
2.1 DIÁLOGO NA SALA DE AULA .....	16
<b>2.1.1 O professor dialógico.....</b>	<b>18</b>
2.2 – O DIÁLOGO A PARTIR DA VISÃO DE PAULO FREIRE .....	20
2.3 – A UTILIZAÇÃO DO AFETO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM SEGUNDO WALLON.....	23
<b>3. UTILIZAÇÃO DO DIÁLOGO E DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE.....</b>	<b>29</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

Durante o período de abril a junho de 2022 realizei o Estágio de Docência I, disciplina curricular obrigatória para finalização do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Durante esses quase três meses foi possível observar *in loco* o desenvolvimento das aulas da disciplina de Sociologia nas turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio noturno de uma escola pública estadual localizada na região central do Estado do Rio Grande do Sul.

Este período foi marcado por grande aprendizado, mas principalmente pelo reconhecimento do cotidiano escolar, a partir da análise de como se desencadeiam as relações dentro do ambiente escolar, a partir do olhar do professor sobre seus alunos e suas necessidades de aprendizagem, conforme descrito por Neusa Maria Mendes de Gusmão em seu texto *Antropologia, diversidade e educação: um campo de possibilidades*:

Devemos ter em mente que para compreender os homens, mais que olhar para eles, deve-se olhar para as relações entre eles, pois aí é onde se pode compreender o homem por inteiro. Portanto, é preciso que se considere a natureza do contato entre sociedades, grupos ou segmentos de grupos que portam diferenças, para então, contextualizar o que seja diversidade. Olhar cuidadosamente as relações entre os homens permite compreender o sentido histórico que constituem as diferenças, bem como, os processos de contínua significação simbólica que são atribuídos aos diferentes sujeitos ao longo do tempo (2011, p 35).

Dessa forma foi possível refletir como durante anos, nos debruçamos em teorias de ensino que propõe uma educação baseada em conteúdos pré-definidos e obrigatórios, porém o ensinar nos remete a desafios maiores e são justamente esses desafios que nos levam a pensar sobre as diversas e possíveis maneiras de transmitir conteúdos, ministrar aulas e incentivar os alunos a interessar-se pelos ensinamentos propostos, mas principalmente, incentivar os educandos a desenvolverem-se como cidadãos pensantes e preparados, não só para o mercado de trabalho, mas também para a vida em um sociedade multicultural, livre e democrática.

Refletir sobre o desenvolvimento da educação na prática, bem como as ferramentas que serão utilizadas neste processo é fundamental para compreender como torná-la mais eficiente. Durante o tempo de observação ficou claro que o padrão tradicional de ensino, onde o professor faz o papel de “dono do saber” e o aluno de mero “ouvinte” já não supre as necessidades de aprendizagem dos mesmos, pois estamos falando de adolescentes com perfis de protagonista,

caracterizados por serem participativos, curiosos e principalmente conectados, com o mundo e tudo que acontece nele, isso traz uma importante missão ao professor, reconhecer as necessidades de seus alunos e, a partir disso, propor suas aulas.

Conforme descrito por Lopes:

Para os professores, entender esse período de transformação da vida humana é fundamental para o bom relacionamento com os alunos, bem como para a organização de novas práticas pedagógicas. Essa percepção e compreensão do comportamento do jovem auxiliarão os professores na criação de projetos inovadores mais voltados para a cultura juvenil dos alunos (2009, p. 10).

Essas características trazem consigo a necessidade de um professor aberto ao diálogo, dinâmico e observador, capaz de interagir com seus alunos e principalmente propiciar condições para que estes tornem-se sujeitos participantes no processo de ensino-aprendizagem a partir da compreensão de seus reais interesses e da importância da escola no desenvolvimento social dos educandos, conforme salientado por Prates:

É no espaço social da relação entre professor e alunos que acontece a educação escolar. Reconhece assim a existência de uma relação entre “quase iguais”. Embora essa relação seja assimétrica, pois, o professor é adulto e já sabe o conteúdo que será estudado, ela não se apresenta de maneira cristalizada; essa assimetria é flexível, sujeita a desequilíbrios durante o processo de aprendizagem. Na sua prática pedagógica o professor também aprende com o aluno (2015, p. 55).

Nesses termos Prates cita ainda, a ideia de Paulo Freire, quando o filósofo brasileiro destaca a importância de analisar a capacidade de desenvolvimento do aluno e dessa maneira se reinventar, de forma a atender as necessidades de aprendizagem deste: “a capacidade do educador de conhecer o objeto refaz-se, a cada vez, através da própria capacidade de conhecer dos alunos, do desenvolvimento de sua compreensão crítica” (FREIRE, 1996, p. 124 apud PRATES, 2015, p. 55).

A interação entre professores, alunos, escola e comunidade é fundamental para que o discente seja transformado em um agente ativo dentro dessa construção, onde o mesmo é estimulado a debater temas, dialogar, analisar e buscar soluções em conjunto para os mais diversos assuntos. Expor seus pontos de vista, e principalmente sua bagagem de conhecimento, adquirida ao longo de sua vida a partir de suas vivências, estimula o mesmo a sentir-se parte daquela realidade, bem como do mundo. Paulo Freire é citado por Rita de Cássia Soares Lopes

no sentido da valorização do diálogo como instrumento primordial na construção de sujeitos conscientes e participativos.

De acordo com as abordagens de Paulo Freire, percebe-se uma vasta demonstração sobre esse tema e uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos. No entanto, esse mesmo autor defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres (2009, pag. 04 e 05).

A partir das particularidades dos alunos observadas em sala de aula, assim como da atuação da professora, a qual se mostrou bastante interativa e dinâmica utilizando-se de ferramentas do cotidiano, fazendo links entre os conteúdos e assuntos do interesse dos educandos, como filmes, séries, trazendo o conteúdo para dentro da realidade destes, me levou a refletir sobre a ideia de como a troca de informações pelo diálogo é uma importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o presente trabalho buscará compreender o papel do diálogo e da afetividade, bem como refletir sobre a importância dos mesmos no processo de aprendizagem, por meio da experiência vivenciada na observação da prática dentro da sala de aula, a partir do que propõem os filósofos Paulo Freire e Henri Wallon.

Para realizar essa reflexão nos valem da ideia de diálogo baseada nos estudos de Paulo Reglus Neves Freire educador, escritor e filósofo pernambucano, nascido em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, falecido em 2 de maio de 1997, aos 76 anos. Freire destacava a importância de pensar em uma educação capaz de reconhecer a cultura do educando e agir com base nela, naquela realidade, pois somente assim ela faria sentido para aquele que vai ser alfabetizado, ele acreditava que o educando assimilaria o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade. Sua obra e seu método eram profundamente marcados pela insistência de levantar um novo tipo de educação, capaz de dar autonomia às classes dominadas por meio do diálogo e de uma educação emancipadora, onde o aluno criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o caminho, e não seguindo um já previamente construído. Freire é citado por Lopes, oportunidade onde destaca a importância do diálogo para a existência do homem:

...o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e

humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005, p. 91apud LOPES, 2009, p. 5).

E dos pensamentos de Henri Wallon, filósofo, nascido em 15 de junho de 1879 em Paris, França, falecido na mesma cidade em 1 de dezembro de 1962. Ele dedicava-se a estudar a importância e o papel da afetividade para o desenvolvimento integral da criança. Segundo Cíntia Maria Basso (2018), para Wallon a criança é essencialmente emocional e gradualmente vai constituindo-se em um ser sociocognitivo. O autor estudou a criança contextualizada, como uma realidade viva e total no conjunto de seus comportamentos, suas condições de existência. Já Elaine Cristina Narcizo (2021), destaca que para Wallon, o homem é resultado de influências sociais e fisiológicas, sendo os dois aspectos, orgânico e social, fundamentais para o desenvolvimento e especialmente dependentes do contexto sociocultural.

Rita de Cássia Soares Lopes cita a teoria de Henri Wallon como importante para a compreensão da construção do conhecimento a partir do desenvolvimento da afetividade:

Na teoria de Henri Wallon, encontramos subsídios importantes no que diz respeito à dimensão afetiva do ser humano e como ela é significativa na construção da pessoa e do conhecimento. Para esse teórico, a afetividade e a inteligência são inseparáveis, uma vez que uma complementa a outra (2009, p. 6).

Como metodologia, foi utilizada a forma qualitativa, baseando-se no caráter subjetivo, ou seja, seu resultado se baseará em narrativas, ideias e experiências dos envolvidos e não em números. Para tanto, foi realizada uma pesquisa empírica através de observações nas turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio noturno de uma escola pública estadual. Foi feita ainda, uma pesquisa bibliográfica de autores estudiosos da área, buscando a coleta e complementação de dados, os quais foram analisados procurando atingir os objetivos do presente trabalho.

O desenvolvimento foi dividido em quatro partes, sendo a primeira, essa introdução que busca realizar uma contextualização do tema escolhido com o seu objetivo, a segunda, a etapa que pretende compreender o papel do diálogo a partir das teorias dos pensadores Paulo Freire e Henri Wallon. A terceira, o capítulo três, busca analisar e relatar o papel e a utilização do diálogo na prática, isso será realizado durante a execução do Estágio II, oportunidade em que estive ministrando as aulas de sociologia nas turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio. E para finalizar, na quarta etapa, que pretende confrontar entre o que propõem, em teoria, os autores

pesquisados e o que foi possível identificar durante a aplicação das mesmas, analisando-se os aspectos considerados mais importantes na utilização do diálogo e da afetividade.

## 2 – O DIÁLOGO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Para que possamos dar início a este trabalho de conclusão de curso é necessário que primeiramente compreendamos o que é o diálogo na sala de aula e qual o papel que o mesmo desempenha durante o processo de ensino aprendizagem. Para isso serão discutidos, nos próximos capítulos, como acontece o uso do diálogo na prática educativa, bem como como ele é compreendido por dois grandes estudiosos da área da educação, Paulo Freire (1921 – 1997) e Henri Wallon (1879 – 1962).

### 2.1 – DIÁLOGO NA SALA DE AULA

Quando pensamos em diálogo e afetividade na sala de aula, nos referimos as relações de comunicação criadas entre professores e alunos a partir das trocas e interações durante o cotidiano escolar, conforme descrito por Freire “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo ensina” (1996, p.77).

Bertoncello e Rossete destacam que o diálogo conforme Freire é:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 2005, p. 115 apud BERTONCELLO e ROSSETE, 2008, p. 185).

Esse método colabora para o desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e eficiente, o que é definido por Costa como:

Ao se dar aula, estabelece-se, necessariamente, algum tipo de relação entre professores e alunos ali presentes, sendo este estabelecimento independente de conteúdos ou instrumentos didático-pedagógicos. O professor, ao falar, questionar, avaliar, responder; e o aluno, ao indagar, responder, escutar, e ambos em suas linguagens também não verbais, estão interagindo entre si. Existe, no entanto, a possibilidade de se olhar para esta relação de maneira a tirar o maior proveito possível



dela, utilizando-a em seu favor para que o processo de ensino-aprendizagem dos alunos se dê de maneira efetiva, o que é o objetivo maior da educação (2021, p. 19).

A partir do uso do diálogo na prática do ensino deixamos para trás o modelo, descrito por Paulo Freire como bancário, onde o professor faz o papel de “dono do saber” e o educando apenas ouve a matéria e aprende fórmulas, deixando de lado seus próprios conhecimentos, ou seja, nesse caso, há apenas um depósito de conteúdos nos alunos, criando uma relação, conforme descrita pelo filósofo como vertical e unilateral entre professor e aluno, educador e educando. Tal concepção de ensino é caracterizado por Paulo Freire como:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante (1996, p 57 e 76).

Paulo Freire entende ainda que a educação bancária reprime no estudante a possibilidade de ele se desenvolver como um ser crítico, ficando preso em um círculo pré-determinado que o impossibilita de desenvolver-se como um agente transformador do mundo onde vive, pois retrai todo e qualquer entendimento próprio do mundo, ficando exposto apenas ao que lhe é apresentado na sala de aula, ou seja, o aluno é tido como uma mente vazia, que necessita de informações do professor para adquirir conhecimento.

Não é de estranhar, pois, que nessa visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos (FREIRE, 1987, p. 34).

Já o ensino dialógico ocorre de maneira diferente, nele a educação é construída em forma de cooperação, quando o professor deixa de ser o “centro” do saber e assume o papel de orientador, de estimulador do questionamento, do diálogo e do debate, e os alunos assumem o papel de seres pensantes, agentes ativos na construção do conhecimento, atuando, compreendendo-se e reconhecendo-se como parte do processo, através da utilização de suas vivências, necessidades e conhecimentos adquiridos a partir de suas experiências de vida e realidade social ao qual está inserido. Tais características do ensino-aprendizagem ajudam a estimular o educando a pensar e analisar sua realidade, bem como as dos demais envolvidos

neste processo, se tornando assim, um cidadão mais crítico e conseqüentemente mais atuante na sociedade. Segundo Shor e Freire:

...o diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e re-conhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto (1986, p. 124).

Dessa forma podemos compreender que o diálogo é uma ferramenta primordial no desenvolvimento de um ser social, este que conforme José C. Libâneo é um dos objetivos explícitos da escola, conforme trecho abaixo de sua obra *Organização e Gestão da escola: Teoria e Prática*:

Em síntese, a escola é uma instituição social com objetivos explícitos: o desenvolvimento das potencialidades dos alunos através de conteúdo (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, valores), para construir-se em cidadãos participativos na sociedade em que vivem. (2015, p. 117).

Sendo assim, podemos compreender que a prática do ensino está sempre em movimento e, é a partir das experiências e trocas realizadas pelos atores envolvidos no processo, que se constroem novas possibilidades e visões do mundo, o que torna o diálogo um dos caminhos mais eficientes para a construção de um cidadão consciente e principalmente emancipado, ou seja, que compreenda seus direitos e deveres dentro da sociedade em que habita.

### **2.1.1 – O professor dialógico**

Promover a interação dialógica entre professores, alunos, bem como com a escola e a comunidade que a cerca, contribui na estimulação do discente como um agente ativo dentro da construção da aprendizagem, onde o mesmo é incentivado a debater temas, dialogar, analisar e buscar soluções em conjunto com os demais para os mais diversos assuntos abordados, expondo diferentes pontos de vista, buscando aproximar os acontecimentos do mundo com a realidade dos aprendizes.

Para que haja essa troca de conhecimentos entre professores e alunos e o meio em que vivem, é essencial a estimulação do educando pelo educador, conforme é destacado por Freire no trecho abaixo:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidade, as perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto, em face da tarefa que tenho a ele ensinar e não de transferir conhecimento. (1996, p. 27)

Dessa forma compreendemos que o professor possui um papel importante no processo de ensino a partir do diálogo, cabe a ele ser um fomentador, apropriando-se do papel de orientador e o aluno de orientando, incentivando e buscando a valorização do conhecimento do aluno dentro do contexto pedagógico, o que ocorre conforme descrito por Prates quando:

O professor dialógico é curioso acerca do pensamento da criança; sabe provocar e ao mesmo tempo se apropriar da curiosidade e do interesse do aluno para conduzi-lo à aprendizagem. É um mestre partejador das ideias que, ao contrário de uma prática de respostas, prioriza a pergunta, a problematização, podendo fazer da aprendizagem uma experiência significativa para a criança. Enfim, o professor dialógico é aquele que possui atitude de escuta e respeito ao processo e ritmo de aprendizagem do aluno, valorizando os saberes que ele possui e contribuindo para a superação de suas dificuldades e limites (2015, p. 62).

Sendo assim, podemos inferir que o papel do professor é instigar a curiosidade de seu aluno a partir da problematização dos mais diversos assuntos e assim estimulá-lo a refletir sobre estes e a trocar conhecimentos através do diálogo/comunicação com os demais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, explorando as relações sociais em benefício da aprendizagem, essa análise foi feita por Raizer, Meirelles e Pereira, onde destacam que o papel do professor, no caso aqui, específico de sociologia é:

A tarefa do professor de Sociologia é buscar refinar essas pré-noções dos educandos, oportunizando a sistematização e o estabelecimento de relações causais entre os fenômenos sociais, explorando toda a complexidade das relações sociais com vistas ao desenvolvimento da consciência crítica (2008, p. 117).

Dessa maneira será possível criar cidadãos mais preparados para a vida de uma forma mais consciente, crítica e aberta a aceitar e reconhecer como essencial todas as multiculturalidades e diferenças que encontrar durante o seu convívio social, ou seja, as relações criadas durante o processo de formação acadêmica dos alunos são imprescindíveis para formar pessoas capazes de compreender efetivamente a vida de uma forma democrática e principalmente responsável.

Essa estimulação do educando a partir da problematização social a reconhecer-se como ser pensante, é essencial para sua formação como cidadão ativo, como é citada por Prates: O

problematizar aqui significa criar possibilidades ou situações que levem o aluno a pensar por si mesmo sobre o objeto tomado para estudo e, mais que isto, refletir e investigar seu próprio pensamento e também o pensamento dos outros (2015, p. 81).

A partir do trecho acima podemos compreender que é fundamental que o aluno seja amplamente estimulado e incentivado a partir de situações colocadas pelo professor a refletir sobre os temas propostos, isso a partir de seus próprios conhecimentos, bem como a partir dos conhecimentos dos outros, o qual é sabido por estes a partir do diálogo e da troca de conhecimento ocorrida dentro da sala de aula. Somente assim, o educando terá a possibilidade de tornar-se um ser capaz de pensar e compreender-se como um ser autônomo.

## 2.2 – O DIÁLOGO A PARTIR DA VISÃO DE PAULO FREIRE

De início utilizaremos uma passagem do livro *Educação como Prática da Liberdade*, onde Paulo Freire destaca sua compreensão sobre o significado do diálogo, no qual entende que este é:

... o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (1980, p.42).

A partir desse trecho podemos compreender que para o educador pernambucano, o diálogo é a forma como o indivíduo se entende e se reconhece como indivíduo, a partir de suas interações com os demais e suas peculiaridades, compreendendo que todos possuem seu espaço e, principalmente, que todos são fundamentais para a construção de uma sociedade. Sendo assim, a comunicação é algo fundamental para que o mesmo se entenda como ser social e livre.

Para nos aprofundarmos em Paulo Reglus Neves Freire, é necessário conhecermos um pouco mais suas ideias. Ele foi um grande educador, escritor e filósofo brasileiro, que destacava a importância de pensar em uma educação capaz de reconhecer a cultura do educando e agir com base nela, pois somente assim, ela faria sentido para aquele que vai ser alfabetizado, Freire acreditava que o educando assimila o objeto de estudo fazendo uso de uma prática dialética com a realidade.

Conforme Freire (2001) descrito por Bueno Ebisui, Souza e Farinha,

...ao defender a educação como prática da liberdade tendo como pressuposto a conscientização, revela ser a liberdade

importante na participação livre e crítica dos educandos. Dessa forma, o processo pedagógico, inserido na realidade, valoriza a autonomia dos educandos, favorecendo o diálogo, a horizontalidade da relação, promovendo a construção de conhecimentos e habilidades, estabelecendo verdadeiro sentido de troca (2017, p. 108).

Sua obra e seu método eram profundamente marcados pela insistência de levantar um novo tipo de educação, capaz de dar autonomia às classes dominadas por meio do diálogo e de uma educação emancipadora, onde o aluno criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o seu caminho, e não seguindo um previamente construído. Conforme descrito por Freire: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (1987, p. 44).

Conforme Farias e Sousa:

Para a efetivação do diálogo é imprescindível que as pessoas percebam que são conhecedoras de saberes e que estes são diferentes e valiosos. FREIRE (1987) afirma que ninguém sabe tudo, assim como não há ninguém que não saiba nada. Ele ressalta que há saberes diferentes, essenciais para a interação no mundo, pois acredita que nos educamos no convívio com as outras pessoas em comunidade, compartilhando saberes, conquanto cada pessoa é mestre no que faz, como o agricultor é mestre na prática de cultivar, embora seja ignorante em outras práticas. A humildade conduz a este reconhecimento, que faz das pessoas aprendizes de outros saberes (2019, p.50).

Em sua teoria dialógica, Paulo Freire busca preparar o indivíduo para a vida, utilizando como ponto de partida a análise da realidade de cada sujeito, através do uso das palavras, bem como valorizar todo e qualquer conhecimento por ele adquirido, pois sabemos que não existe um conhecimento melhor ou pior, todos são valiosos e sem dúvida alguma, fundamentais para o crescimento do ser humano.

Bertoncello e Rossete destacam a importância da valorização e estimulação dos alunos a conhecer o seu contexto social e debater sobre o mesmo.

Aprender a ler, a escrever, é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, numa relação dinâmica que vincula a linguagem e a realidade. Neste sentido, o diálogo é ponto de referência central, pois é através dele que se acredita ser possível seres humanos se transformarem em seres comunicativos, podendo atuar para transformar a realidade (2008, p. 186).

Elas ainda destacam que para Paulo Freire: “o diálogo é o caminho necessário para os indivíduos a fim de que possam refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem. É um evento social que ajusta o relacionamento entre os sujeitos cognitivos e não uma simples comunicação com uma linguagem simbólica como fazem os animais” (BERTONCELLO e ROSSETE 2008, p. 186).

Dessa forma podemos compreender que é essencial que o homem dialogue entre si, pois essa é a forma mais eficaz de se atingir uma evolução multicultural, mas principalmente, construir-se como um ser livre de preconceitos e crítico perante a sociedade em que vive, construindo assim um mundo melhor para se viver.

A existência porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar* (FREIRE, 2005, p. 90, grifo do autor).

E como esse diálogo deve ser usado segundo a filosofia de Freire? Ele deve ser utilizado de forma horizontal, proporcionando a mesma importância aos conhecimentos dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (professores, alunos, comunidade), um ambiente em que nenhum é considerado mais sabedor que o outro, todos possuem o mesmo grau de importância, conforme citado por Bertonecello e Rossete no trecho a seguir: “O diálogo, na concepção freireana, “consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação” (GADOTTI, 1996, p. 81). Trata-se de uma categoria que, para o educador, faz parte da própria natureza humana” (2008, p. 184).

Nesse sentido é importante que o professor esteja sempre aberto ao diálogo e incentivando os estudantes a debater assuntos, trocar informações e ideias, pois essa é a alternativa mais eficaz para que tenhamos futuros cidadãos preparados para conviver em sociedade, com todas as prerrogativas que isso implica. Bertonecello e Rossete explicam esse processo de prática docente a partir da ideia de Freire onde:

...no sentido freireano, o educador precisa refletir e dialogar com a sociedade em que vivemos e analisar os problemas com maior profundidade. Nesse caso o diálogo tem implicação direta. O diálogo com o próximo é fundamental. Para Freire, é através do diálogo que se dá a transformação do homem; diálogo é o caminho que faz o ser humano buscar a liberdade e rejeitar a manipulação (2008, p. 178).

Dessa maneira é necessário que o professor analise, pense e repense seu planejamento e o faça de forma a garantir aos seus alunos momentos de reflexões e diálogos e principalmente que esteja preparado para orientá-los, sem imposições, para que dessa forma os alunos consigam alcançar os objetivos propostos de maneira satisfatória. Bertonecello e Rossete destacam esses momentos quando citam Paulo Freire: “repensar a própria prática é tarefa diária do professor, que deve se posicionar criticamente à pretensa neutralidade da educação. A

educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história” (2008, p. 186).

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo” (Paulo Freire). Encerramos essa parte do trabalho citando a frase de Freire que retrata de forma sucinta o papel e a importância do diálogo para a formação do homem perante a sociedade.

### 2.3 – A UTILIZAÇÃO DO AFETO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM SEGUNDO WALLON

Henri Wallon, filósofo francês, dedicava-se a estudar a importância e o papel da afetividade para o desenvolvimento integral da criança. Para ele o homem é resultado das influências sociais e fisiológicas que adquire durante a vida, sendo os dois aspectos, orgânico e social, fundamentais para o desenvolvimento e especialmente dependentes do contexto sociocultural. Ricardo José Lima Bezerra salienta que:

Sendo assim, a emoção ocupa um lugar privilegiado nas concepções psicogenéticas de Henri Wallon, pois para ele a emoção é vista como instrumento de sobrevivência imprescindível à espécie humana e por sua vez também a afetividade, onde as emoções se manifestam (2006, p.21).

Nestes termos, podemos compreender que para que o ser humano se desenvolva como um ser social e emocional é primordial que ele crie laços de afetividade, os quais são adquiridos desde o início da sua vida. Pois conforme Silva:

A emoção é a resposta orgânica, sustentada por centros nervosos específicos, de que o bebê dispõe para lidar com seu meio. Mas ela não é apenas instrumental, é igualmente expressiva ou comunicativa. Sua principal função na espécie humana é a ativação do outro. Por se manifestar por meio de movimentos e de conformações físicas expressivas que, por assim dizer, moldam o corpo (função proprioplástica<sup>8</sup>), a emoção traz, em si, a possibilidade de ser interpretada e de provocar no outro respostas correspondentes e complementares. Trata-se de uma protolinguagem, ou linguagem anterior à linguagem, esta última entendida como comunicação por material simbólico, signos e símbolos (2007, p.11).

No momento do nascimento o bebê já inicia um processo de afeto com sua genitora, o qual se fortalece no decorrer de sua existência, abrindo espaço para os demais afetos que se

formam ao longo de sua existência, contribuindo para o seu crescimento como ser humano. Bezerra cita os entendimentos de Wallon conforme Dantas sobre esse processo:

A dimensão afetiva que é de fundamental importância para Wallon, seja do ponto de vista da construção da pessoa, como do ponto de vista do conhecimento, é portanto marcante para o desenvolvimento da humanidade que se manifesta a partir do nascimento e estende-se pelo primeiro ano de vida da criança. Wallon explica que uma criança sadia, quando já está se relacionado afetivamente bem com o meio que a cerca, em particular com sua mãe, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que, assim, seu desenvolvimento biológico seja perfeitamente normal (DANTAS, 1992, p.85 apud BEZERRA, 2006, p. 22)

Ricardo José Lima Bezerra complementa ainda que:

Assim, vemos que para Wallon, afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento humano, pois quando este, tão logo deixou de ser puramente orgânico passou a ser afetivo e, da afetividade lentamente passou para a racionalidade. A afetividade e a inteligência estão imbricadas, havendo um predomínio da primeira e, mesmo havendo logo uma diferenciação entre as duas, haverá uma permanente reciprocidade entre elas, (2006, p. 22).

Camargo destaca que para Wallon (1995) a consciência da existência do outro está relacionada as relações emocionais as quais o indivíduo é submetido durante sua vida, iniciadas desde o nascimento:

...a consciência de si mesmo, a consciência do outro e a consciência do mundo exterior se constroem na relação com o mundo e com os outros. No princípio, a criança exterioriza a satisfação ou insatisfação em gestos (choro, gritos, alívio, sorriso...) que são respondidos pelas pessoas que cuidam dela e conferem sentido a estes gestos. É desta relação emocional com o outro, indiferenciada e imediata, que nascerão as funções simbólica, da atividade intelectual e as condutas sociais adaptadas (1999, p. 12).

Wallon acreditava que o processo de aprendizagem vai muito além de apenas desenvolver o cérebro, busca o desenvolvimento cognitivo total do indivíduo. Para ele, isso se daria a partir do desenvolvimento da dimensão afetiva, que utilizaria o movimento dialógico como estímulo à aprendizagem de forma mais dinâmica, conforme citado por Ricardo José Lima Bezerra:



Partindo desse pressuposto, uma teoria pedagógica que se depreenda das ideias sobre a construção do indivíduo a partir de Wallon diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que uma aparato cerebral. Pressupões perceber a dimensão afetiva do indivíduo e trabalha-la para permitir uma construção cognitiva mais dinâmica e efetiva. Sendo assim, uma teoria pedagógica inspirada em Wallon pressupõe um movimento dialético entre afetividade, emotividade e subjetividade com processos cognitivos, interação social e racionalidade mutuamente imbricado e relacionados em via de interdeterminação (2006, p.23).

Esse desenvolvimento cognitivo tratado por Wallon, também está relacionado com as interações e trocas de experiências que ocorrem durante a vida acadêmica dos estudantes. A interação social é fundamental para o desenvolvimento do homem como um ser social, e a escola possui um papel fundamental nesse processo, pois é onde ocorre a interação com os demais sujeitos sociais, se tornando dessa maneira uma importante ferramenta no processo de socialização e evolução do cidadão, conforme citado por Bezerra:

Contudo, esse sujeito é historicamente determinado, pois sua história de vida, suas experiências sociais e culturais são definidoras de sua personalidade e lhe permitem construir sua autonomia dentro das possibilidades da sua interação social. Isso fará sempre com que o sujeito que conhece, segundo as ideias de Wallon, conheça pela interação dialética e dinâmica com os demais sujeitos bem como com a cultura e a realidade social. Essa concepção é, portanto, bastante identificada com o papel transformador e libertário que deve ter uma educação escolar voltada para contribuir para o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos indivíduos (2006, p.25 e 26).

Justamente essas trocas são resultados do processo dialógico que ocorre dentro da sala de aula, momento em que o indivíduo se reconhece como parte da sociedade, assim como, reconhece o outro da mesma forma. Nesse processo de reconhecimento, o papel da escola é promover situações onde o aluno possa desenvolver-se como *ser* um ser socialmente ativo, ou seja, um ser racional, consciente e crítico da realidade social. Wallon, citado por Bezerra, nos aponta como a escola deve promover a educação utilizando-se da afetividade como ferramenta para o estímulo da aprendizagem de forma racional:

Sendo assim, Wallon nos confere uma contribuição importante para se pensar a aprendizagem no âmbito escolar a partir da importância que atribui a afetividade no processo de formação do indivíduo. A escola deve procurar respeitar as emoções e as necessidades individuais, propiciando desafios e atividades que levem o educando a uma crescente elevação da sua racionalidade. Mas a escola deve também refletir e estar preparada para o desenvolvimento de indivíduos potencialmente mais capazes, integralmente formados, onde corpo, mente e sentimentos são dimensões indissociáveis do mesmo ser (2006, p. 26).

Dessa maneira podemos compreender que para Wallon o desenvolvimento completo do ser humano como ser social se dá através da junção entre o afeto e a racionalidade, um depende

do outro para a formação de uma pessoa completa, conforme apontado por Paula, Guimaraes, Nascimento e Viali:

O que Wallon propôs envolvia a formação da pessoa completa, observando suas reações em seu contexto, evitando dissociar campos que são indissociáveis. Para a Matemática, isso é extremamente importante, pois, com frequência, afetividade e inteligência, dois dos campos funcionais por ele estudados, são ainda culturalmente separadas (2020, p. 189).

A partir dos relatos acima podemos compreender que os estudos de Henri Wallon contribuíram muito para o entendimento da afetividade como instrumento fundamental no processo de ensino-aprendizagem, apensar de toda resistência e negação dos sentimentos como ferramenta de aprendizagem, é possível encontrá-los no cotidiano escolar, pois a mesma aparece em vários momentos, mas principalmente nas relações criadas entre educadores e educandos durante o processo de educação, Ferreira e Acioly-Régner relatam a existência dessa afetividade no trecho abaixo:

A escola como o lugar privilegiado para formação exclusiva da cognição tem encontrado desafios antes não imaginados, pois em que pesem as tentativas de impedir o surgimento dos afetos no ato educativo, a sua presença aparece nas atividades propostas, nas relações que são estabelecidas, nos ditos e não ditos que povoam o imaginário escolar, convidando-nos a continuarmos refletindo e repensando o seu lugar nos processos formativos (2010, p. 22).

Sendo assim, apesar dos obstáculos, é fundamental pensarmos a sala de aula como um local natural de interação e estimulação das relações, a partir do convívio social entre os atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e, dessa forma, o cenário propício para o desenvolvimento da reflexão e criação de afetos a partir do reconhecimento das multiculturalidades existentes no meio social onde estão inseridos. Lopes destaca no trecho abaixo que para que um professor desenvolva a teoria Walloniana, é necessário que ele envolva seus alunos de forma a estimular as relações durante o processo.

Assim, todo educador que deseja adequar sua prática pedagógica à teoria Walloniana deve buscar desenvolver atividades que envolvam os alunos de forma integrada, ou seja, deve orientar sua prática para que desenvolva a expressividade, a emoção, a personalidade e o pensamento criativo (2009, p. 07).

Pensar de forma racional e crítica, sem deixar de lado a afetividade é fundamental para que o ser humano se reconheça como um ser social, mas principalmente para que reconheça o

papel e a importância do outro, como essenciais no desenvolvimento de uma sociedade democrática e libertadora.

Assim como podemos identificar nas ideias de Paulo Freire, Henry Wallon também compreendia o diálogo com um papel fundamental no desenvolvimento do aluno, ele, entendia que a aprendizagem está ligada a fatores emocionais aliados a inteligência, os quais são os responsáveis pela formação do indivíduo como ser pensante, mas para que isso seja possível é necessário que haja uma interação entre as partes envolvidas no processo, o que ocorre a partir da utilização do diálogo. É ele que promove o desenvolvimento da interação e possibilita a ampliação de conhecimentos através da linguagem, conforme tratado por Denise de Camargo no trecho abaixo.

A emoção não é uma linguagem. É um meio de expressão que abre o caminho da linguagem. Assegura uma função de comunicação que será fundamental no desenvolvimento da atividade simbólica. É a intercomunicação com os adultos que possibilita a aquisição da linguagem e com ela novas formas de reflexo da realidade. A aquisição da linguagem implica uma reorganização de todos os processos básicos mentais da criança. A palavra aperfeiçoa o reflexo da realidade e cria novas formas de atenção, de memória, de imaginação, de pensamento e de ação (1999, p. 13).

Camargo destaca ainda a importância do diálogo a partir dos pensamentos de Wallon, o qual entendia que a criança necessita da comunicação com outras pessoas para o desenvolvimento de sua comunicação, possibilitando assim sua transformação como um ser sociável. Segundo Wallon (1995): Para que a criança possa ultrapassar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, precisa de instrumentos de origem essencialmente social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos que daí provêm (1999, p. 17).

Bertoncello e Rossete destacam através da fala de Gadotti, o ser humano como comunicativo, sendo o diálogo peça fundamental para o desenvolvimento do homem: assim se expressa: [...] os seres humanos se constroem em diálogo, pois são essencialmente comunicativos. Não há progresso humano sem diálogo. Para ele, o momento do diálogo é o momento em que os homens se encontram para transformar a realidade e progredir (GADOTTI, 1991, p. 46 apud BERTONCELLO e ROSSETE, 2008, p. 184).

Sendo assim, compreendemos que a utilização da linguagem é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, pois é a partir dela que se criam laços de afetividade, os quais fazem parte da evolução humana, deixando para trás suas experiências apenas biológicas, essa evolução auxilia o ser humano no processo de reflexão e reconhecimento dos fatores sociais

aos quais está envolvido, colaborando para o desenvolvimento de cidadãos críticos e atentos aos acontecimentos da sociedade.

### 3 - UTILIZAÇÃO DO DIÁLOGO E DA AFETIVIDADE NA PRÁTICA DOCENTE

A partir da análise de Freire e Wallon podemos compreender que as relações criadas dentro da sala de aula, são fundamentais para o desenvolvimento do conhecimento sociológico dos alunos, os transformando em seres pensantes e sociais. Segundo os estudiosos acima citados, essa construção social se dá partir do diálogo, o qual proporciona momentos de trocas e reconhecimento de si, bem como facilita a criação de vínculos e laços afetivos, os quais são criados a partir da convivência no ambiente escolar e auxiliam no reconhecimento e na compreensão do outro como integrante da sociedade, conforme citado por Cristiano Bodart (2020):

O conhecimento sociológico é um instrumento de emancipação social. Auxilia o estudante a reconhecer o seu lugar no mundo social e seus direitos, assim como o desperta à necessidade de fala, compreendendo as disputas pelas definições de “verdades”. Temas como movimentos sociais, cidadania, desigualdade social, Estado, Políticas Públicas tratados à luz dos conhecimentos sociológicos são fundamentais no Ensino Médio para o desenvolvimento da valorização do bem comum e da coletividade, assim importante para a emancipação social dos jovens e, conseqüentemente, do país (2020).

Dessa forma podemos compreender que a troca existente através da linguagem é parte fundamental na concepção de cidadãos questionadores e principalmente entendedores das diversas particularidades existentes na sociedade, (deveres, direitos, crenças, etc.), tornando os educandos capazes de raciocinar e entender tais temas a partir de suas próprias concepções e pontos de vista, formando cidadãos conscientes de seu papel e do papel do outro na sociedade.

Hentz destaca em seu texto a linguagem como algo que está sempre em construção, ou seja, ele está sempre se aperfeiçoando, a partir do desenvolvimento de relações e convivências sociais.

Neste contexto, a linguagem é entendida como produção humana e, portanto, não está dada e acabada, mas é construída historicamente nas e pelas relações sociais. A enunciação é, assim, o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, portanto, um fenômeno ideológico, e o que é ideológico não pode ser explicado senão pelo social (2007. p. 03).

Então para que haja essa formação da consciência do indivíduo é necessário que este esteja sempre aberto a novas experiências e interações com as mais diversas esferas existentes na sociedade conforme descrito por Farias e Souza (FREIRE, 1996 apud FARIAS e SOUZA,

2019, p 52), os quais destacam que essa relação dialógica com o mundo é algo que está sempre em construção, como no trecho a seguir: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconcluso em permanente movimento na História”.

Para que essa movimentação aconteça é fundamental a disponibilização de um espaço aberto que incentive o diálogo e a troca entre os envolvidos, fortalecendo assim, os vínculos de afetividade entre professores e alunos, tornando o ambiente mais convidativo e interessante. Conforme descrito por Paula, Guimaraes, Nascimento e Viali: Há possibilidades de mudanças ao longo do processo de formação dos professores que, entendendo a emoção como uma ligação ao mundo, pode tornar as conversas de sala de aula em potenciais instrumentos para essa conexão (2020, p. 190).

A partir desses entendimentos, foi realizada uma observação dentro da sala de aula, buscando identificar tais características durante o processo de aplicação das aulas na disciplina de Sociologia, referente ao Estágio de Docência II do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, ocorridas no período de setembro a novembro de 2022, totalizando 24 horas aulas, nas turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio.

Neste período foi possível acompanhar a rotina escolar, onde compreendeu-se que a escola busca interagir com a comunidade, propiciando boas condições de aprendizagem para os alunos, para que assim, a educação oferecida por ela atinja de fato seu objetivo, o de desenvolver integralmente o aluno a partir da garantia de boas condições de ensino conforme citado por José C. Libâneo: A tarefa básica da escola é o ensino; que se cumpre pela atividade docente. A organização escolar necessária é aquela que melhor favorece aqueles objetivos e assegura as melhores condições de realização do trabalho docente (2015, p. 117).

Sobre as características dos estudantes, pode-se destacar a predominância feminina na sala de aula entre os frequentantes assíduos e, a média de idade, entre 16 e 18 anos em sua maioria. Com poucas exceções, destes, um bom número (grande maioria) trabalha durante o dia e estuda à noite em busca de uma formação e aperfeiçoamento profissional. Neste grupo identificamos um maior interesse pelo conteúdo trabalhado e uma melhor participação durante as aulas, porém também identificamos um grupo (minoridade) formado por menores de idade, ou por alunos que de alguma maneira eram “obrigados” a estudar, estes já não apresentavam tanto interesse nos assuntos trabalhados, passavam quase a totalidade da aula com seus celulares, ou

em conversas paralelas. Essa característica influenciava bastante no número de alunos faltantes no decorrer da aplicação das aulas.

Foi possível identificar ainda, que os alunos são bastante dinâmicos e comunicativos, porém em um primeiro momento, por se tratar de uma nova professora (estagiária) eles ficaram mais introspectivos, houve a necessidade de aulas mais expositivas, pois os mesmos ficavam calados quando eram questionados sobre alguma questão. Dessa forma, as aulas se tornaram mais maçantes, os alunos ficavam mais dispersos e como consequência ocorriam conversas paralelas e desinteresse, ou seja, os alunos prestavam menos atenção aos conteúdos propostos.

Sabemos que aulas explicativas também são importantes dentro do processo de ensino aprendizagem, assim como as dialógicas, mas é fundamental que haja um equilíbrio entre ambas. Porém, entendemos que se utilizarmos apenas aulas expositivas os educandos podem não desenvolver totalmente sua capacidade intelectual, os momentos de reflexão, discussão, análise e de conexão com o conteúdo, são fundamentais para se compreender como aquele conteúdo trabalhado está presente no dia-a-dia, e como e por que motivos ele interfere na sociedade e no modo como as pessoas vivem. Freire destaca no trecho abaixo a importância do professor e do aluno compreender-se como seres curiosos e não apenas passivos.

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve, o que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos. (1996, p. 52)

Já com o passar dos dias, a convivência e *uma certa insistência* nas tentativas de diálogo, os alunos começaram a interagir gradativamente. A partir do momento que um começou a participar, os demais começaram a demonstrar interesse e naturalmente passaram a envolver-se com os temas trabalhados, resultando em aulas mais dialógicas. Nesta oportunidade foi possível verificar que a partir do momento em que alguns alunos iniciaram uma participação e uma discussão dos temas abordados, os demais começaram a se interessar pela matéria, tornando as aulas mais interessantes.

Com isso podemos compreender que os alunos só passaram a colaborar dialogicamente durante as aulas a partir do momento em que se sentiram seguros para tanto, e isso se deu quando eles me compreenderam como uma professora que estava aberta e disposta ao diálogo, e valorizava as pequenas participações, como algo fundamental para o desenvolvimento do

conteúdo, fazendo *links* a partir do que era colocado por eles, introduzindo suas experiências nos assuntos propostos, como exemplos, tudo isso foi fundamental para que as aulas se tornassem mais dinâmicas e menos expositivas.

Ter valorizado e incentivado a participação dos alunos foi essencial neste processo, para que os educandos criassem uma relação de confiança e afeto com a educadora. Essa segurança é destaca por Freire conforme descrito por Farias e Souza:

Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir para ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. (FREIRE, 1996, p. 135-136 apud FARIAS e SOUZA, 2019, p 52).

A valorização dos saberes é fundamental para o processo de construção do conhecimento, e principalmente para a estimulação do diálogo e da troca de informações conforme Farias e Souza: O saber do educando, desse modo, deve ser enfatizado de maneira fundamental, para que ele se sinta respeitado e seguro, e, assim, possa se estabelecer uma interação, no caso um diálogo (2019, p 52).

Nesse sentido buscando incentivar a participação e o protagonismo dos alunos na construção do processo de ensino-aprendizagem, Petermann e Jung destacam que é necessária uma preparação das escolas e principalmente das salas de aula, possibilitando um local favorável, que desperte no educando a vontade de comunicar-se e assim, realizar a troca de conhecimento com os demais envolvidos no ambiente de aprendizado:

Por fim, no intuito de estabelecer uma interlocução pedagógica a partir de nossos resultados destacamos que na sala de aula contemporânea ocorre aprendizagem por meio de participações diferentes daquelas tradicionalmente esperadas na escola. O professor deixou de ser o único protagonista do ensino escolar, por isso há necessidade de reconhecer e legitimar o protagonismo do aluno e dessa forma os modos de organização das salas de aula precisam ser revistos, sobretudo no que tange a aspectos de fala-em-interação (2017, p. 840).

A importância da interação social como ferramenta de desenvolvimento intelectual já era entendida como fundamental desde o século XIX com o reconhecido teórico da psicologia e filósofo da ciência Vygotsky, conforme é tratado por Libâneo:



As posições teóricas da concepção histórico-cultural de VYGOTSKY (1896- 1934), dentro da tradição da filosofia marxista, centram-se na afirmação do condicionamento histórico-social do desenvolvimento do psiquismo humano, que se realiza no processo de apropriação da cultura mediante a comunicação entre pessoas. Tais processos de comunicação e as funções psíquicas superiores neles envolvidas se efetivam primeiramente na atividade externa (interpessoal) e, em seguida, na atividade interna (intrapessoal) regulada pela consciência, mediados pela linguagem, em que os signos adquirem significado e sentido (VYGOTSKY, 1984, p. 59-65) (2004, p. 116).

Dessa maneira podemos compreender que para o desenvolvimento total do aluno como um ser social, é essencial que o mesmo seja exposto a um ambiente agradável, que transmita segurança e a certeza de que sua participação, bem como a dos demais envolvidos é fundamental para a construção do processo de ensino-aprendizagem, somente assim, o mesmo terá as ferramentas necessárias para desenvolver sua criticidade e compreender como funciona a vida em sociedade, este papel fundamental da sociologia no currículo escolar.

Mas não podemos em momento algum confundirmos um professor orientador, com um professor permissivo, é fundamental que dentro desse processo fique explícito que apesar do aluno ser o principal sujeito de seu desenvolvimento, ele ainda deve seguir alguns limites, este supervisionados pelo professor. Rita de Cássia Soares Lopes destaca em seu trabalho a relação professor/aluno e o processo ensino-aprendizagem com a necessidade de estimular a partir do afeto e com limites, sempre trabalhando a participação do aluno como fundamental para o ensino.

Sendo assim, a escola precisa criar um ambiente mais estimulante e afetivo que possibilite a esse adolescente enxergar-se nesse processo. Por esse motivo, a mediação do professor é uma contribuição que irá ajudar o aluno do segundo segmento do Ensino Fundamental a dar sentido ao seu existir e ao seu pensar. É importante que se ressalte que, quando se fala em proporcionar uma relação professor-aluno baseada no afeto, de forma alguma, confunde-se aqui afeto com permissividade. Pelo contrário, a ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos e preocupar-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões (2009, p. 07).

Lopes também destaca que a educação não é uma ditadura racionalista, ela é baseada no contato, nos sentimentos e nas relações entre os envolvidos, buscando sempre um desenvolvimento intelectual conforme trecho abaixo:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1996, p. 146 apud LOPES, 2009, p. 8).

Nesse processo é importante compreender a importância da qualificação do professor para que ele tenha condições e preparo para suprir as necessidades dos alunos, ou seja, como estimulador a partir de um trabalho dinâmico e criativo, auxiliando os educandos a desenvolver seu protagonismo e principalmente sua confiança em si mesmo e naquele que está ali para auxiliá-lo, conforme destacado por Lopes segundo Vygotsky:

Portanto, para Vygotsky, a sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino-aprendizagem. Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno (2009, p. 06).

Freire destaca a importância da preparação do educador para a sala de aula: Ninguém começa a ser educado numa terça-feira, às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanente, na prática e na reflexão sobre a prática (1991, p. 58).

Bertoncello e Rossete reforçam no trecho a seguir a necessidade do professor, bem como dos demais envolvidos no processo, de estarem sempre em evolução para garantir um ensino eficiente: “O professor, assim como todos os sujeitos e todas as atividades da educação, precisa estar em processo constante de mediação e intervenção crítica para a elaboração da aprendizagem” (2008, p. 182).

Conforme destacado no trecho acima, essa preparação requer tempo e muita dedicação dos docentes, pois somente com muita pesquisa, análise e paciência é que o professor irá reconhecer as necessidades de seus alunos e dessa forma criar ambientes propícios ao desenvolvimento total deste como um cidadão crítico.

Neste caso, a partir da realização do Estágio de Docência II analisado no presente Trabalho de Conclusão de Curso, especificamente na disciplina de Sociologia, matéria esta situada dentro das ciências humanas, que objetiva analisar e compreender as formações

sociais, buscando entender a sociedade, bem como procurar soluções para os conflitos sociais existentes nela, podemos entender como a interação e a troca entre os envolvidos é primordial para a construção do conhecimento, e principalmente para o desenvolvimento do indivíduo como um ser social.

Pois, como seria possível analisar a sociedade, sem dialogar com os demais, sem conhecer as diversas particularidades que compõe a mesma? Nesse caso, temos um bom exemplo de como é importante incentivar os alunos a buscar informações, a procurar compreender como a vida social é composta, já que estes são parte fundamental nesse processo. Olhar e compreender o outro é fundamental, conforme descrito por Gadotti, citado por Bertoncetto e Rossete:

...o diálogo não é apenas uma estratégia pedagógica. È um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. O diálogo com o outro não exclui o conflito. A verdade não nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro (GADOTTI, 1991, p. 43 apud BERTONCELLO e ROSSETE, 2008, p. 186).

Dantas e Dias destacam em seu texto a importância de incentivar o protagonismo tanto dos educadores quanto dos educandos, buscando incentivá-los a tornarem-se pessoas que sabem se impor perante as atrocidades que ocorrem na sociedade

O ensino de sociologia no interior da escola pode, e deve, orientar estudantes e professores, para que se tornem protagonistas e dessa forma consigam “converter vítimas da opressão em atores políticos que protagonizam a resistência e a luta” (GOMES, 2017, p 11). Dessa forma, pensar possibilidades e recursos para a construção da dignidade e da ressignificação da autoestima dos estudantes negros, por meio do ensino de Sociologia, faz-se necessário, pois a prática escolar medeia, não somente as ações no âmbito escolar, mas muito além, atua na socialização da juventude, em seus modos de viver, em suas lutas, seus posicionamentos (2019, p. 80 e 81).

Dessa maneira podemos compreender que o papel do professor de sociologia é incentivar nos alunos o interesse pelos fatos que envolvam a sociedade como um todo, oportunizando aos mesmos condições de compreender as relações sociais e como elas se desenvolvem, conforme descrito por Raizer, Meirelles e Pereira,

A tarefa do professor de Sociologia é buscar refinar essas pré-noções dos educandos, oportunizando a sistematização e o estabelecimento de relações causais entre os fenômenos sociais, explorando toda a complexidade das relações sociais com vistas ao desenvolvimento da consciência crítica (2008, p. 117).

A formação da criticidade dos educandos é resultado de uma metodologia baseada no diálogo e nas relações de confiança desenvolvidas ao longo da vida acadêmica do aluno, pois somente assim, será possível aguçar o interesse dos alunos pelos acontecimentos sociais, conscientizando-os sobre sua importância e seu papel nas transformações sociais, conforme apresentado por Célia Oliveira Dos Santos Neta:

O diálogo do ensino de sociologia com o senso comum é importante para incentivar a reflexão crítica da realidade, o que seria um primeiro passo para o enfrentamento de diversas opressões que existem no mundo. Porém, por se tratar de espaços formais de ensino, a metodologia das aulas de sociologia nas escolas acaba esbarrando nas estruturas hierárquicas e verticais de educação. Há espaços de educação popular, que no seu fazer educativo, dialógico e acessível, além de fomentar um olhar crítico diante da realidade, conseguem aproximar a ação educativa dessa realidade vivida no cotidiano das pessoas, com o objetivo de transformação social. Conforme Moacir Gadotti (2012) a educação popular tem como principal fundamento a conscientização (2021. p.04).

A partir desses estudos podemos inferir que o diálogo juntamente com afetividade tem um papel importante na busca por uma democracia, tendo em vista que juntos são ferramentas importantes para o desenvolvimento de um cidadão consciente e ativo na busca por uma sociedade mais igualitária.

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos pontos destacados ao longo do presente trabalho podemos identificar a importância do diálogo e da afetividade no processo de ensino–aprendizagem. Os mesmos são peças fundamentais para o desenvolvimento dos educandos como seres sociais, humanos, pensantes e críticos. Conforme descrito por Goelzer:

O diálogo e a afetividade, enquanto dimensões que precisam fundamentar as relações dentro da escola, permite que se vivam esses elementos. O interesse, o comprometimento, a responsabilidade, a atenção, primeiramente, devem estar relacionados às pessoas para que estas, juntas, possam tornar esse processo fundamentalmente humanizador (2014. p. 140).

Há o sendo comum, ou seja a troca de informações, vivências e experiências entre todos os envolvidos no processo educativo (professores, alunos, comunidade, etc.) e é essencial para o desenvolvimento da criticidade. O que, segundo as diretrizes da sociologia, é preconizado a partir da imaginação sociológica de Charles Wright Mills (1972) constituída a partir da desnaturalização e do estranhamento, fazem resultar na formação de um indivíduo capaz de analisar e refletir a respeito das informações que recebe e, a partir disso, formular suas próprias conclusões de forma não tendenciosa e influenciada, mais sim, a partir de suas próprias percepções. Bodart descreve essa valorização em seu texto:

O fato é que o senso comum deve ser valorizado na prática docente não como algo a ser superado e descartado, mas como um dos conhecimentos possíveis a compor o repertório que os/as estudantes devem possuir, já que muitas vezes são tais conhecimentos que os/as possibilitam “resolver” os desafios presentes em suas vidas cotidianas – espero poder escrever de forma mais detida sobre essa questão em outra oportunidade (2021).

E como isso é possível? A partir do momento em que o professor priorizar em sua metodologia de aplicação de aula, aulas mais participativas, incentivando os alunos a dialogarem e trocarem seus conhecimentos, isso será possível. Cabe ao educador o papel de estimulador, o professor precisa cativar o aluno a participar da aula, a entender-se como essencial na construção do conhecimento com toda sua bagagem. Nesse caso, a aprendizagem é feita de “dentro” pra “fora” partindo da realidade do aluno para o mundo, de forma interligada, uma complementando o outra.

Essa ação contribui para que o aluno se compreenda com um ser social, ou seja, reconheça sua importância na comunidade a qual pertence, bem como na sociedade, onde todas as características e culturas são fundamentais para a constituição social e multicultural.

Dessa forma, o diálogo se torna uma ferramenta fundamental para a criação de laços de afeto, aproximando os alunos de seus colegas e professores, proporcionando para os educandos a segurança necessária para que eles possam se expressar, sem medo ou vergonha.

Justamente essa segurança é conquistada a partir do incentivo e da insistência do professor para que o aluno se manifeste durante as aulas, valorizando cada contribuição como necessária para a reflexão e composição da matéria/conteúdo de forma colaborativa, estimulando dessa maneira o educando a contribuir e participar cada vez mais. Goelzer destaca essa participação através de uma escola mais humana, no trecho abaixo.

Diante disso acreditamos que o desafio hoje está em pensar e construir uma escola mais humana, um espaço onde todos sejam reconhecidos, fazendo com que se sintam seres humanos valorizados, amados, gostando de ser gente (HENZ, 2003) e, ao mesmo tempo, sabendo-se inconclusos, sentindo-se capazes de ser mais em todas as dimensões do humano (2014. p. 140).

Um bom exemplo dessa construção do processo de ensino a partir da colaboração do aluno, foi identificada durante a aplicação do Estágio de Docência II analisado no capítulo anterior, quando foi percebido que os alunos iniciaram sua participação durante as aulas, a partir do momento em que criaram laços de confiança com a professora (estagiária) até então desconhecida por eles, o que não ocorreu de uma hora para outra, mas sim, com o passar dos dias, com muita persistência e estímulos, conversando com os alunos e os chamando para participar da aula.

Costa, destaca em seu texto a importância da criação de laços de afetividade dentro da sala de aula para a criação de ligações entre a realidade do aluno e os conteúdos ensinados.

O compromisso professor-aluno norteado por práticas efetivas leva a um desenvolvimento cognitivo mais efetivo por parte do aluno, pois compreende como as relações afetivas em sala de aula influenciam no processo ensino/aprendizagem e por consequente no desenvolvimento cognitivo de forma positiva, como se dá a influência afetiva nos processos cognitivos na relação das vivências em sala de aula, na convivência professor/aluno, demonstrando a influência na relação aluno/conteúdo a serem aprendidos (2017. p. 13).

A partir disso podemos compreender o quanto é essencial o papel do professor afetivo de Wallon, e dialógico de Freire, nesse processo de formação de um cidadão crítico, que se reconheça e exerça seu papel na democracia.

Pois para que tenhamos um ensino que realmente forme um indivíduo crítico é fundamental segundo Freire (2005), citado por Bertonecello e Rossete que se siga algumas potencialidades:

A educação emancipatória de Paulo Freire (2005) conta com as potencialidades do sujeito para se comunicar, interagir e administrar o mundo moderno criando condições para que todos tenham oportunidade de fala, de argumentação e de decisão sobre as coisas, por meio do diálogo orientado ao entendimento. Dessa forma ela se contrapõe à prática oriunda da reprodução das abordagens tradicionais, nas quais o ato de transmissão de conhecimentos é um ato de depósito de conhecimentos. de fala, de argumentação e de decisão sobre as coisas, por meio do diálogo orientado ao entendimento (2008, p. 187).

Para isso é fundamental que a sala de aula se torne um ambiente agradável, livre e principalmente cativante, onde o educador faz seu papel de mediador e orientador enquanto os alunos tornam-se seres participativos e conseqüentemente conscientes.

A afetividade na prática educacional é citada por Costa como uma ferramenta importante de desenvolvimento do cognitivo dos educandos, bem como para se ter uma aprendizagem efetiva:

Relacionar as práticas educacionais realizadas com afetividade ao comprometimento do educador que proporciona assim um desenvolvimento cognitivo efetivo dos educandos. A afetividade é um sentimento comum nas relações humanas, sentimento esse que dá motivação desde as ações mais corriqueiras até as mais complexas. Sabe-se que o ser humano não se arrisca em aventuras pelas quais não acredita que ao final dará certo. Assim como todas as relações humanas tem por princípio este “impulso”, o afeto, a relação professor aluno, para ser contemplada com a conquista da aprendizagem efetiva, também requer este fundamental fator, a presença da afetividade (2017, p. 12).

Já o diálogo no processo de ensino aprendizagem é um método de reconhecimento de si e do outro e está sempre em processo de construção, assim como o ser humano e seus conhecimentos, como é citado por Goelzer a partir das ideias de Paulo Freire, em seu livro Educação e Mudança:

não haveria educação se o homem fosse um ser acabado [...] O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um

ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 1989, p. 27 apud GOELZER, 2014, p. 140).

Dessa forma podemos compreender que para que a educação seja capaz de exercer seu principal papel, o de formador de cidadãos pensantes e atuantes na sociedade, é fundamental que a mesma leve em consideração o diálogo e a afetividade, pois somente assim, o educando será capaz de se sentir seguro para se expressar, bem como para criar suas próprias percepções sociais e de direito.



## REFERÊNCIAS

Basso, C. M. (2018). **Algumas reflexões sobre o ensino mediado por computadores.** *Linguagens & Cidadania*, 2(2). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/31521/17295>. Acessado em 23/09/2022;

BERTONCELLO, Ludhiana. ROSSETE, Silvana Regina. **A Importância do Dialogo na Relação Professor Aluno e o Paradigma da Complexidade.** Revista Cesumar, dezembro, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/815-Texto%20do%20artigo%20-%20Arquivo%20Original-2281-1-10-20081023.pdf>. Acesso em: 26 de outubro de 2022;

Bezerra, R. J. L. (2010). **Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção**. *Revista Didática Sistêmica*, 4, 20–26. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1219>. Acesso em: 26 de outubro de 2022;

BUENO, S. M. V.; EBISUI, C. T. N.; SOUZA, J. de; FARINHA, M. G. **O diálogo no processo ensino-aprendizagem.** *Temas em Educação e Saúde*, Araraquara, v. 5, 2017. DOI: 10.26673/tes.v5i0.9507. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9507>. Acesso em: 19 de outubro de 2022;

BODART, Cristiano das Neves, **A importância do ensino de Sociologia no Ensino Médio.** Revista Café com Sociologia. Janeiro de 2020. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/importancia-do-ensino-de-sociologia/>. Acessado em 12 de dezembro de 2022;

BODART, Cristiano das Neves. **O ensino de Sociologia e a importância de desnaturalizar a naturalização.** Blog Café com Sociologia. jun. 2021. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/ensino-de-sociologia-desnaturalizacao-naturalizacao/>. Acesso em 28 de dezembro de 2022;

COSTA, Gisele Ferreira da. **O AFETO QUE EDUCA: afetividade na aprendizagem**. Juiz de Fora/MG. 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/O-AFETO-QUE-EDUCA.pdf>. Acesso em 28 de dezembro de 2022;

DANTAS, Daniely Nascimento Marreira. DIAS, Wilian Marques. **Ensino de sociologia em questão: a história da sociologia na Educação básica e a questão de debates étnico-raciais**. Aurora, Marília, v.12, p. 73-88, 2019;

DE CAMARGO, Denise. **Emoção, primeira forma de comunicação**. Interação em Psicologia, Curitiba, v. 3, dez. 1999. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7657>. Acesso em: 25 out. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v3i1.7657>;

FARIAS, Moisés Rocha. DE SOUSA, Francisca Evanice Mourão Lima. **O diálogo como elemento de aprendizagem da filosofia no ensino médio**. Revista DoCentes, Fortaleza, [v. 4 n. 10](#), p. 47-59, dezembro. 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/Windows/Downloads/194-Texto%20do%20artigo-1150-1-10-20191223%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Windows/Downloads/194-Texto%20do%20artigo-1150-1-10-20191223%20(2).pdf). Acesso em 26 de outubro de 2022;

FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educar em Revista, [S.l.], v. 26, n. 36, p. p. 21-38, maio 2010. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/17577>. Acesso em: 25 outubro. 2022;

FIORI, Ernani Maria. Prefácio. In: FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005;

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo, Cortez, 1991;

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980;

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

FREIRE, Paulo – **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996;

GOELZER, Juliana. **O diálogo e a afetividade no contexto da educação infantil: as pessoas grandes dizendo a sua palavra**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014;

---

HENTZ, M. I. DE BORTOLI. **A formação do sujeito: Tecendo uma Compreensão**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1311>. Acesso em: 27 dezembro 2022;

HENRI, Wallon. **A afetividade no processo de aprendizagem**. Por Elaine Cristina Narcizo, 26 de julho de 2021. Disponível em: <https://profseducacao.com.br/artigos/henri-wallon-a-afetividade-no-processo-de-aprendizagem/>. Acesso em: 23 de setembro de 2022;

NETA, Célia Oliveira Dos Santos. **O ensino de sociologia e o diálogo com o senso comum: vivências em espaços de educação popular**. Anais do ENESEB... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75555>. Acesso em: 28 de dezembro de 2022;

LIBÂNEO, José Carlos. **A aprendizagem escolar e a formação de professores na perspectiva da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade**. Educar em Revista [online]. 2004, n. 24, pp. 113-147. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/hd8NXbRPrMqkY6JLMW3frDP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022;

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da escola: Teoria e Prática**. 6a ed. São Paulo: Heccos Editora, 2015. ISBN: 9788567281001;

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A Relação Professor Aluno e o Processo Ensino Aprendizagem**. Diaadiaeducação. Portal Educacional do Estado do Paraná. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf> . Acesso em: 27 de dezembro de 2022;

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972;

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987;

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia, diversidade e educação: um campo de possibilidades**. Ponto e vírgula, 10: 32-45, 2011. 2011;

PAULA, Marlúbia Corrêa de; GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; NASCIMENTO, Maria Manuel Silva; VIALI, Lorí. **Contribuições de Henry Wallon: o papel da emoção na aprendizagem**. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 19, n. 56, p. 181-192, agosto de 2020 ISSN 1676-8965. Disponível em [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/18769/2/Contribuies de Henry Wallon o papel da emoo na aprendizagem.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/18769/2/Contribuies%20de%20Henry%20Wallon%20o%20papel%20da%20emoo%20na%20aprendizagem.pdf). Acesso em: 26 de outubro de 2022;

PRATES, E. M. de O. R. **O diálogo na escola**. Lumen: Educare, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p. 53–91, 2015. DOI: 10.19141/2447-5432/lumen.v1.n1.p.53-91. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/lumen/article/view/578>. Acesso em: 26 de outubro de 2022;

PETERMANN, Rafael; JUNG, Neiva Maria. **Participação, Protagonismo e Aprendizagem na fala-em-interação de sala de aula em uma equipe de trabalho no Ensino Médio.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada [online]. 2017, v. 17, n. 4, pp. 813-844. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/49b83Mq49jvnTtSpTSY4Rtv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 13 de dezembro de 2022;

RAIZER, Leandro. MEIRELLES, Mauro. PEREIRA, Thiago Ingrassia. **ESCOLARIZAR E/OU EDUCAR? AS PERSPECTIVAS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.** Pensamento Plural | Pelotas [02]: 105 – 123, janeiro/junho 2008;

Silva, Dener Luiz da. **Do gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica.** Educar em Revista [online]. 2007, n. 30, pp. 145-163. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/mCfyffJ7XwrnQ9ykFvwgMjz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 27 de dezembro de 2022;

SHOR, I.; FREIRE, P. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.